Ano 1.º — N.º 45

Guimarães, 20 de Fevereiro de 1917

O REPUBLICANO

PROPRIEDADE

— DO —

Centro Democrático Vimaranense

EDITOR E ADMINISTRADOR,
António de J. Teixeira
Comp. e imp. Tip. Minerva Vimaranense

REDACTOR PRINCIPAL,
Eduardo d'Almeida
Red. e adm. Rua de Gil Vicente

O ANEL DE FERRO

Andava passeando, antes de jantar, nos Quïncôncios, com Triceps. Crusamos com uma mulher infinitamente super elegante, que saía da *buvette*. Sorriu-se para Triceps e disse:

—Bom dia, velho.

—Bom dia, meu gatinho, respondeu Triceps.

Ela passou, numa onda de perfumes...

—E' a bola de Neve... explicou Triceps... a antiga amante do velho barão Kropp... conheces... que morreu no ano passado... o velho barão Kropp... lembras-te?... Ah! meu caro, custa a acreditar que haja homens assim!... Escuta...

E Triceps, contente de poder contar uma historia, disse-me, enfiando o seu braço no meu:

"Uma manhã, o velho barão apareceu-me em casa. E sem preâmbulos preguntou-me:

—E' verdade, doutor, que ha ferro no sangue?

—E' verdade...

—Ah! eu não queria acreditar... Como a natureza é complicada!

O velho barão tinha a bôca trémula e um pouco babosa. Os olhos quási mortos... E a péle do pescôço corria-lhe, sôb o queixo, como uma mal atada gravata de carne mole. Reflectiu um instante, depois:

—E ha muito?... muito?... inquiriu.

—Lá isso!... retorqui. Não é evidentemente uma mina... como as de Ariége...

—Que quereis dizer?...

—Quero dizer que, do sangue dum homem, não se extrairia bastante ferro para—como exprimir-me?—para construir, por exemplo, uma segunda tôrre Eiffel... Compreendeis?

—Sim... sim... sim...

E o velho barão ritmou cada "sim„... com um movimento de cabêça, aprovador e desolado... Acrescentou:

—...E' certo que eu não preciso de tanto...

E, depois dum curto silêncio:

—Todavia, acreditais que se possa extrair ferro... um pouco de ferro... do meu sangue?... do meu sangue?

—Ora essa!... Porque não?...

O barão sorriu, e preguntou ainda:

—Acreditais tambem que haja oiro, no sangue?

—Ah! isso não... E sois verdadeiramente exigente, meu caro barão. Não ha oiro senão nos dentes... pôdres.

—Pobre de mim! doutor, não tenho dentes, mesmo pôdres, gemeu o velho. E tivesse eu embora dentes, e oiro nos dentes, não passava de oiro estranho, oiro que não fôra fabricado por mim próprio, oiro que não seria da minha substância, numa palavra. E então, para quê? Estais, portanto, inteiramente certo de que não ha oiro no meu sangue?

—Certo...

—E' uma grande arrelia... E, francamente, tenho pêna... Porque, na verdade, preferiria o oiro ao ferro para o meu anel.

Não insisti, sabendo o barão um pouco desequilibrado. Mas êle insistiu, estalando a lingua no lábio húmido de saliva:

—E' que vós não sabeis quanto eu amo a Bola de Neve... Dei-lhe tudo... palácios, cavalos, joias, amantes que a fazem gritar de felicidade... Tem lençoes de cincoenta mil francos... Tem tudo o que uma mulher pode ter e pode sonhar... Pois bem, queria dar-lhe mais ainda, dar-lhe o que mulher alguma teve ainda... Sim, dar-lhe, duma só vez, e numa fórma material, tangivel, tudo o que me resta de espirito e de sangue... tôda a minha substância numa palavra, encerrada num escrínio que ornamentariam os mais belos diamantes da terra... Pouco me importa de morrer... Terei eu, porem, bastante sangue para isto?

—Tem-se sempre bastante sangue para isso, retruqui negligentemente. E demais... faz-se o que se pode...

—Ah! doutor... não me sinto bem...

Esgotado pelos esforços impotentes dêste desejo senil, o velho barão, que empalidecera em extremo, desmaiou. Deitei-o num sofá, os pés levantados, fiz-lhe respirar um acre violento de sáis, bati-lhe na cara com um pano molhado... A sincope durou alguns minutos. Depois, quando recuperou os sentidos, mandei-o reconduzir, sustentado pelos sovacos por dois criados, até ao primeiro trem que estacionasse na rua... Por entre os seus lábios, que mal pudia unir, ia balbuciando:

—Ah! Bola de Neve!... Bola de Neve!... hei de dar-to.

E, enrolado nas almofadas, as pernas moles, a cabêça bambaleando sôbre o peito, o velho barão continuava a murmurar obstinadamente:

—Sim... é isso... tôda a minha substância... hei-de dar-te tôda a minha subst...

No dia seguinte procurou um químico de muito afamada sciência.

—Quero, disse-lhe, que tire das minhas veias o sangue necessário para extrair trinta e cinco gramas de ferro.

—Trinta e cinco gramas?... exclamou o químico, que não pôde reprimir a estupefacção... Diabo!

—E' demais, preguntou o barão inquieto...

—E' muito...

—Pagarei o que fôr preciso. E, se houver necessidade de tôdo o meu sangue, tome-o...

—E' que, objectou o químico, o senhor é bastante velho...

—Se fôsse nôvo, replicou o barão, não seria o meu sangue que eu daria à minha Bola de Neve... seria outra coisa...

Ao fim de dois meses, o químico arrancara ao barão um pequeno bocado de ferro.

—Só pesa trinta gramas... disse-lhe.

—Como é pequeno!... murmurou o barão, cuja voz era apênas um sôpro e cuja cara parecia mais pálida que uma mortalha...

—Co'a breca! senhor barão... O ferro é pesado e não tem grande volume.

—Como é pequeno!... como é pequeno!...

E fitando, na ponta dos dêdos trémulos, a deminuta parcela de metal, suspirou:

—Eis, pois, tôda a minha substância!... Não se pode dizer que seja uma beleza... E, todavia, ha, nêste grão escuro, tôda a imensidade do meu amor... Bola de Neve terá orgulho em possuir uma tal prenda... uma prenda que é a medúla... que é o sangue... que é a vida!... E como ha de amar-me!... E como chorará de amor!

Mascou as últimas palavras, não tendo já fôrças para as pronunciar em voz alta... E depois de as haver repetido interiormente:

—E' muito pequeno... mas não ha, jámais houve na terra, ao pescôço duma mulher, nem no dêdo mínimo da sua mão, joia maior...

E adormeceu num sôpro agitado e cheio de pesadêlos...

Alguns dias depois, o barão agonisava. Bola de Neve estava junto do leito, e olhava as coisas à sua volta com um olhar de tédio, com um olhar que significava: "O velho rala-me... Não acaba de morrer... Quem me dera fóra daqui...„

Um criado trouxe uma caixa.

—Que é?... interrogou o barão com voz anciosa...

—E' o anel... senhor barão...

A esta palavra, houve, nos lábios do velho moribundo, um sorriso e um brilho de luar nos seus olhos...

—Deixa ver... E tu, Bola de Neve, vem aqui, perto de mim... e escuta bem...

Com esfôrço, abriu a caixa, colocou o anel num dêdo de Bola de Neve, e disse-lhe:

—Bola de Neve... olha êste anel... O que tu aqui vês, é ferro. E' ferro que representa tôdo o meu sangue. Abriram e remexeram as minhas veias para o extrair... Matei-me para que tivesses um anel como mulher alguma possuiu jámais... E's feliz?

Bola de Neve examinou o anel com um espanto misturado de desprêso, e respondeu simplesmente:

—Ah!... meu velho... tu sabes... antes queria um relógio.„

(Les vingt et un jours d'un Neurasthénique: trad. expressamente feita).

OCTAVE MIRBEAU.

ANTOLOGIA

El-Rei e Braz

«...Uma noite, num bêco imundo, onde a loucura
Por vezes me arrastou, de fome e frio e doença,
Sôbre a lama caíste, a arder em febre intensa.
Da porta da taberna onde pediste esmola,
Uma côdea que anima, um dito que consola,
Correram-te á pedrada, em gargalhada enorme,
Dos teus gritos de idiota e do teu côrpo informe.
Morrêras, se não chego e, em rápida baralha
Não ponho mais os meus em fuga essa gentalha.
Recolhi-te depois e dei-te contra o frio
Nas palhas da cocheira um leito mais macio.
Tinhas fome tambêm; dei-te um sobêjo imundo
Na gamela dum cão que uivava furibundo.

(Pondo as mãos)

Senhor do céu, tão justo e santo, por que ordenas
Que nenhum dos que amei suavise as minhas penas,
Se pudestes criar no peito dêste louco
Um tão profundo amor em troca de tão pouco?

(Para Braz que lhe beija e acaricia as mãos chorando)

Que bem te fiz, que assim me beijas esta mão?
Coitado!... E's tonto e bom!... Meu Braz!... Maluco!... Irmão!...

(D. Afonso VI.) D. João da Camara.

VARIA

Octave Mirbeau

Está de luto a Arte, e a França, terra heróica onde pelejam os bravos, terra bemdita onde floresce o Espírito, a Graça, a Ironia e o Gênio, a pobre França continúa lançando sôbre a fronte aureolada de louro os crepes funerários.

A notícia do falecimento do incomparável Artista surpreendeu-nos na manhã burlêsca de domingo gôrdo, mal decifrada pelos jornalistas, num comentário indeciso, entre a monotonia dos centenares de soldados açoitados de morte na tempestade da Batalha e a horrenda chinfrineira do Partidarismo.

Se é possivel chorar um homem que nunca se conheceu, que nos ignora absolutamente, que jamais se entreviu passando, rápido, na rua, um dia, no acaso? —mas que estranho sentimento da mais pura dôr nos esmagou então o espirito vendo como a irreparável fatalidade para sempre nos levara um amigo raro, com quem passavamos encantadoras horas, na sombra das bouças, ao canto dum quarto, quási deitados numa cadeira, pelo silêncio da noite, e que, torturando-nos pela realida-

de epileptica dos maltrapilhos enfatuados de governantes, de idolos, de nobres, de miseráveis, de criminosos, de mendigos, nos levantava a alma para tão alto, paraiso para tantos inabordável onde o homem se transfigura, á fôrça da comoção, resurgido do sofrimento, numa deliciosa vibração quási divina, quási imortal, soluços de amor, ondas de música, torrentes de côr, a sincope no delírio da Beleza...

Octave Mirbeau é o Artista da mais refinada Arte, cruel, individualista, demolidora, contorcionada, são e morbida, riso e choro, consôlo e praga, enlêvo—e quantas vezes se fecha, de repente, um livro seu por que no cérebro, entre labarêdas, se sente o avançar da loucura?—, a forma e o intuito, o colorido e a fôrça.

A sua ironia apunhala, a sua dôr arrepia; o trabalho da frase, lapidada e hirsurta, iluminura e crispação neurasténica, enleva e acabrunha.

Longe, nem uma flor lhe poderêmos levar ao cemitério, a sentida flor da saudade duma pobre mão desconhecida.

Que ao menos, aos nossos leitores que não ouviram nunca êste nome, a nossa sincera comoção o possa levar como um dos mais belos escritôres do século.

*

Se o Carnaval é um estado de alma, que nem se reprime, nem se regulamenta, o govêrno proíbindo as mascaradas invadiu domínios que são invioláveis—o da consciência ou inconsciência de cada um, contribuíndo apenas, com mais uma exibição desnecessária, para resurgir o que era morto e dar a tentação do fructo proibido do que não passaria duma reles cégada corrida a pontapés.

Que, diga-se, não há terra como a de Portugal para andar tudo ás avessas. Quanto mais alarmante é a crise das subsistências, mais desbragado e atrevido é o luxo dos que deveriam ter tôdo o empenho em encobrir a sorte grande das grandes roubalheiras. E não seria para admirar que, como nos movimentos sincinésicos, em vez de nos lembrarmos da hora presente e do sacrificio de vidas dos nossos, folgassemos em pandega rasgada, com um dominó aflautado e quarentão, de pernas de suja rama, bebendo como um marujo, no gabinête reservado de qualquer tasco, e pespegondo-nos beijos lambusentos e aliáceos.—«ó filho dá-me duas corôas»...

*

Frases e filosofias

para uso da mocidade

Uma verdade deixa de ser verdadeira quando mais duma pessoa acredita nela.

*

Nos exames, os imbecis fazem preguntas a que as pessoas de tino e inteligência não podem responder.

*

O vestuário grêgo era essencialmente inartístico. Nada pode revelar melhor o côrpo do que o próprio côrpo.

*

Só as qualidades superficiais duram. A mais profunda natureza do homem depressa se descobre.

*

A indústria é a origem de tôdas as fealdades.

*

As idades vivem na história pelos seus anacronismos

*

Só os deuses conhecem a morte. Apolo desapareceu. Mas Jacinto que, segundo os homens, êle degolou, vive ainda. Nero e Narciso estão sempre entre nós.

*

Os velhos creem em tudo. As pessoas de meia idade desconfiam de tudo. Os novos sabem tudo.

A condição da perfeição é a preguiça. O fim da perfeição é a mocidade.

OSCAR WILDE.

Vida literária

Remy de Gourmont

(Vej. os n.os 40, 42 e 44)

Alem do mais completo e autorizado representante, tanto pelo seu próprio genio como pela sua inteligencia erudita e critica, da nossa geração literária, Remy de Gourmont era-o ainda pelos seus gôstos e até nas suas opiniões politicas e sociais. Seguiu atentamente os esforços paralelos dos pintores, e *Whistler*, *Van Gogh*, *Gauguin*, *Maurice Denis*, *Henry de Groux*, *Filiger*, *Seguim*, *d'Espagnat* não encontraram melhor conhecedor, nem mais zelôso advogado. Amador de livros, aplicava-se a dar às suas edições curiosas e tiragens dignas de suscitar o ardor dos bibliómanos, e foi assim que nós tivemos o japão purpura-cardinalicia e violêta-bispo do *Latin mystique*, as variantes izabel, rubis oriental, cinzento de ferro, havana das *Litanies*, o papel vêrde inferno de *Lilith*, o verde bizantino de *Theodat*.

Quanto às suas ideas politicas, eram então o que deviam ser as dum grupo héterogêneo muito artista, muito independente, muito particularista, separado da vida social por um largo e profundo fôsso, que engenhava ainda, para nos afastar do vulgar, em guarnecer de defêsas, de circunvalações, de ruinas e de espantalhos. Eramos todos, por essa época, simultaneamente aristocratas e anarquistas. Desprezavamos as ideas comuns e não tinhamos qualquer indignação pelos principios de democracia. Eramos antiparlamentares, antirepublicanos, e, naturalmente, antipatriotas. O que nos desagravava em tais idolos sociais, que nos encarniçavamos a demolir, era a sua prosperidade, as tolices que faziam escrever aos bajuladores do pôvo, o culto que lhes votava a massa. O espirito maravilhosamente ironico de Gourmont não pudia ficar impassivel diante desta vaga de superstição e vulgaridade. E como tôda a verdade procede concorrentemente duma tése e duma antitese, desgostado da tése banal e triumfante, adoptou voluntariamente a antítese irreverente. Foi assim que um dia escreveu o *Joujou patriotisme*, artigo que fez escandalo e que, perante a indignação do público hipocritamente formulada pelo ricofanta *Henry Fouquier*, lhe valeu a demissão da Biblioteca Nacional.

Anti patriota no sentido filosofico da palavra, mas não anti francês... Mas, mesmo nessa época, é certo que, diante da apressada barbaria scientifica e organisada, —o que já então nos repugnava em extremo—, nos teriamos levantado tôdos, como nobre *Remy de Gourmont* à frente, para darmos a vida pela salvação da nossa civilização, da nossa cultura, e da nossa tradição latina.

Trespasse de Mercearia

Participa-nos o sr. João Vasco Cardoso Guimarães, que por escritura lavrada na nota do notário Bacharel Antônio José da Silva Bastos Júnior, desta cidade, em 29 de Janeiro findo, tomou de trespasse o activo do estabelecimento de mercearia, fazendas e miúdezas que pertencia a D. Maria de Oliveira Nogueira, sito na loja que tem o n.º 45, na rua do Dr. Avelino Germano, desta mesma cidade, ficando aquela senhora D. Maria de Oliveira Nogueira com absoluta responsabilidade de todo o passivo.

João Monteiro de Meira

(Conclusão)

7) *Influências estrangeiras em Eça de Queiroz.* — Famalicão, 1902—E' tambêm uma separata de escassos exemplares não expostos no mercado, de dois artigos publicados na revista tirsense "O Ave„. Denota tal folheto um largo e fundo conhecimento da obra de Eça. Vai extenso de mais êste artiguelho para que me alongue a esmiudar a larga cópia de conhecimentos que dêle emergem, de par com o notável espírito crítico que o orienta. Alguns trechos podem lêr-se no recente trabalho do sr. cons. António Cabral.

E' crivel que outros livros e folhetos, cujo nome ou conteúdo não chegou ao meu conhecimento, tenha publicado.

Dentre os muitos artigos dispersos por jornaes aponto, fugidiamente, os seguintes:

Dados estatísticos da Morgue do Pôrto (Gazeta dos Hospitais do Pôrto)—*D. Pedro V morreu envenenado?; A lepra do Marquês de Pombal; A morte de D. Estefánia; Peste de 1384 e de 1415; Gafos do Nobiliário,* etc. (Arquivos da História de Medicina Portuguesa).

Pouco tempo antes de morrer, tinha entre mãos um estudo interessantíssimo e inteiramente novo: "Actualmente, preocupa-me um trabalho sôbre os três *Crimes do Padre Amaro,* em que me parece poder demonstrar que o Eça à medida que ia aperfeiçoando a sua prosa a ia aproximando de Flaubert, e que era por um trabalho de recomposição e de retoque que eram introduzidas as frases francêsas de que no artigo anterior *(Influências estrangeiras)* dei numerosos exemplos„—escrevia-me a 2 de Janeiro de 1913.

Usou ex-libris, em zincogravura, que atrás deixamos reproduzido: em papel verde claro, a azul escuro: um monte topetado por um grande pinheiro, com a divisa—*nec per noctem* sôbre a rama; à direita no ceu um crescente de lua; á esquerda por baixo das palavras "*ex-libris*„ o *fac-simile* da assinatura—João de Meira.

Ao cerrar estas notas desluzidas e entediantes, diluidas na pungitiva saùdade dum morto querido e ilustre—a expressão do meu melhor reconhecimento ao sr. dr. Maximiano Lemos pelos gentis esclarecimentos que teve a bondade de enviar-me.

Ao sr. Conde de Castro e Sola —um *poenitet* muito contrito por esta *légoa da Póvoa* de prosa narcótica e pouco menos de inútil.

Vila do Conde, 4 de Setembro de 1916

JORGE DE FARIA [1].

[1] As palavras que ficam transcritas são extraídas com a devida vénia da *Revista de ex-libris portuguêses* de que é director o sr. Conde de Castro e Sola.

NOTICIOSA

Assuntos militares

Todos os mancebos que tiveram baixa por incapacidade física, desde 8 de Setembro até 31 de Dezembro de 1916, devem apresentar-se na sede do distrito de recrutamento n.º 20, afim de lhe ser marcado o dia para reinspecção.

*

Contribuições municipais

A Comissão Executiva da Câmaral Municipal torna público, por edital que mandou afixar, que se acham patentes no edifício do extinto colégio das Doroteas, ao largo do Liceu, a exame dos contribuintes, os lançamentos das contribuições predial (rústica e urbana) industrial, sumptuária, décima de juros, ordenados e outros rendimentos isentos das contribuições do Estado, que hão-de constituir receita municipal no ano corrente.

Podem ser apresentadas quaisquer reclamações, devendo os reclamantes instruí-las com os documentos que julgarem convenientes e observar as instruções regulamentares de 22 de Dezembro de 1887 e mais legislação aplicável.

*

Falecimentos

Na sua casa, à rua de Gil Vicente, faleceu, na segunda-feira, o sr. Silvestre José Lopes Pimenta, cavalheiro de apreciadas qualidades de carácter.

*

Também faleceu o sr. António de Oliveira Coutinho, pai dos srs. João, Antóuio e Manuel de Oliveira Coutinho.

Aos doridos as sossas condolências.

Carteira

Acha-se restabelecido da infermidade que bastantes dias o reteve no leito, o nosso prezado amigo, sr. Guilhermino Alberto Rodrigues.

*

Está doente, o sr. Visconde do Paço de Nespereira.

*

Continua doente, o sr. dr. José Rodrigues dos Santos, meritíssimo Juíz de direito, nesta comarca.

*

Foi exonerado, a seu pedido, do cargo de regedor da freguesia da Oliveira, o sr. António José Peixoto da Costa, e nomeado para o substituír, o sr. Gaspar Lopes Ribeiro.

*

Foi colocado no 2.º lugar da escola de S. João das Caldas de Vizela, tomando posse no dia 17 do corrente o sr. Aurélio da Silva Mendes, neto extremoso do muito digno Secretário de Finanças deste concelho a quem apresentamos os nossos cumprimentos.

*

Apreensão de fósforos

Foram apreendidos pela guarda republicana, desta cidade, na freguesia de Santa Leocádia de Briteiros, residência de Luís Rodrigues, seis grossas de caixas de fósforos, 12 quilos e meio de fósforos a granel, tudo de fabrico clandestino, e vários artigos próprios para a sua confecção.

Foi tudo entregue ao sr. secretário de finanças.

*

Professores primários

Foi nomeado professor do 2.º lugar da escola da freguesia de S. João das Caldas de Vizela, o sr. Aurélio da Silva Mendes.

Foi colocada interinamente na Escola Central, desta cidade, a professora, sr.ª Severina Jesus de Sousa, irmã do sr. Manuel Jesus de Sousa, proprietário da Farmácia Normal, à Praça de D. Afonso Henriques.

*

Oficina de S. José

A direcção desta simpática instituìção de caridade, proclamou, numa das suas últimas sessões, seus sócios benfeitores, o respeitável capitalista portuense, sr. José Marques Coelho e sua esposa D. Leopoldina Coelho, pelos benefícios por êstes prodigalizados à mesma instituìção.

E' justa a prova, é antes um dever de gratidão para com tam desvelados protectores das nossas casas de caridade.

*

Por a policia

Encontrados no Pôrto a vender objectos que haviam roubado da igreja de Lordelo, foram prêsos e remetidos para esta cidade, os gatunos Bonifácio Pires da Cal ou José Martins, de 62 anos, da freguesia de Burgães, concelho de Santo Tirso, e Francisco da Silva, o «Chouriço» ou «O 14», de 33 anos, das Caldas das Taipas.

*

Espectáculos

Hoje realizam-se nos teatros D. Afonso Hénriques e Gil Vicente, atraentes sessões cinematográficas, com variedades.

*

Hontem, no teatro D. Afonso Henriques, também se realizou um espectáculo com a representação da peça em 2 actos—*Mateus «O braço de ferro»* e da comédia *«Um Marido vítima das modas»*.

Cereais

Preços do ultimo mercado: Milho, 1$20, os 20 litros; Centeio 1$30, igual medida.
Ovos, dúzia, $24.

*

Vendedores de sêlos

Para que o publico evite, muitas vezes, ir dum ponto afastado propositadamente ao correio, comprar um sêlo ou um postal, estabeleceu a Administração Geral dos Correios e Telégrafos, a bem do publico e dos serviços, lugares de vendedores de sêlos nos seguintes locais:

Pedro Pereira de Freitas, Largo Francisco Agra; Albano Pires de Sousa, R. da República, 122; António Alves Martins Pereira, R. Paio Galvão; Bernardino Cardoso, L. D. Afonso Henriques; Domingos José Pires, Hotel do Toural; Joaquim Sousa Neves, Cruz da Pedra; José Maria do Souto, Hotel Avenida; José de Oliveira Meira, R. de S. Dâmaso.

*

Taxas de instalações electricas

Termina em 28 do corrente o praso para pagamento das taxas de 1916 e 1917.

*

Leis e Jurisprudencia

Os reus condenados em pena mas absolvidos das custas e sêlos por pobreza não são obrigados a preparos dos seus recursos interpostos das sentenças condenatorias, ainda que não estejam prêsos.

Acordam do Supremo Tribunal de Justiça de 5 de dezembro de 1916.

Declaração

Ex.mo Snr. Juiz de Direito:

O Capitão Luiz Augusto de Pina Guimarães, solteiro, morador na rua de Paio Galvão, desta cidade, tendo sido notificado nos termos do art.º 33 do decreto com fôrça de lei de 28 de Outubro de 1910, vem declarar que, dando-se por satisfeito com as voluntárias declarações contidas no artigo «Coisas da Censura», assinado pelas iniciais A. C. C., publicado no último número dos «Ecos de Guimarães», de 18 de Fevereiro, as expressões da sua carta, dirigida ao «Republicano», no legítimo desfôrço da sua dignidade profissional e pessoal agravadas injustamente, em termos grosseiros e com alusões equivocas, numa campanha sustentada por dois jornais desta cidade, deixam de ter a clara significação a que visavam, sendo certo, de resto, que se não dirigiam particularmente ao queixoso ou a outrem, mas aos autores anónimos dos desbragados enxovalhos, quaisquer que eles fôssem, com que vinham ofendendo o declarante.

Guimarães, 19 de Fevereiro de 1917.

Luiz Augusto de Pina Guimarães.

Associação Comercial de Guimarães

CONVOCAÇÃO

São convocados os sócios desta Associação para se reunirem em Assembleia Geral no dia 25 de Fevereiro, pelas 12 horas da manhã, a fim de, em conformidade com o n.º 1.º do art.º 7.º dos estatutos, ouvirem e votarem o parecer da comissão de contas sobre a gerencia, e elegerem a nova direcção e seus suplentes.

Não comparecendo numero legal de sócios efectuar-se-á a mesma com qualquer numero, no dia 4 de Março, á mesma hora.

Guimarães, 17 de Fevereiro de 1917.

O 1.º secretario,

Eduardo de Lemos Mota

EDITAL

(1.ª Publicação)

A Comissão Executiva da Câmara Municipal de Guimarães:

Faz saber que se acham patentes no extincto edifício das Doroteas, sito no largo de Francisco Ferrer, desta cidade, a exame dos contribuintes, por espaço de 15 pias, a contar desta data, os lançamentos das contribuições predial rústica, urbana, industrial, sumptuária, juros, ordenados e outros rendimentos isentos das contribuições do Estado, que hão-de constituir receita do ano de 1917.

Durante o referido prazo, podem ser apresentadas quaisquer reclamações, devendo os reclamantes instruí-las com os documentos que julgarem convenientes e observar as instruções regulamentares de 22 de Dezembro de 1887 e mais legislação aplicável.

E para conhecimento dos interessados, se publica o presente e vão ser afixados outros de igual teor, nos lugares mais públicos do concelho.

Guimarães, 10 de Fevereiro de 1917. E eu *José Maria Gômes Alves*, chefe da Secretaria o escrevi.

O Presidente,

Mariano da Rocha Felgueiras.

Venda de prédio

VENDE-SE uma casa grande com capela e quintal, situada no largo do Carmo, desta cidade.

Falar com o solicitador Pimenta.

Banco do Douro

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Séde em Lamego

Dividendo de 1916

anual. . . . . 5 1/2 %
complementar. . . . 3 %

Começa o pagamento do dividendo complementar no dia 21 do corrente, na razão de 3 % ou 1$80 por cada acção, livre de imposto.

Paga-se na Séde e nas agências do Porto *(Banco Aliança)* Braga, Viana, Guimarães, Lisboa e Vila Real em todos os dias uteis.

Lamego — Banco do Douro, 15 de Fevereiro de 1917.

Os Directores,

Antonio A. Andrade
Francisco Stanislau Junior

EDITAL

(1.ª publicação)

Avelino de Faria Guimarães, Presidente da Junta da freguesia da Oliveira, desta cidade:

Faz publico que, em virtude do disposto no artigo 72.º do Código Administrativo vigente, se encontram em exposição na Secretaria da Junta, as contas e mais documentos da receita e despesa desta Junta, referentes ao ano findo, para todos os paroquianos as poderem examinar.

Guimarães e Junta da freguesia da Oliveira, 16 de Fevereiro de 1917.

O Presidente,

Avelino de Faria Guimarães.

EDITAL

(1.ª publicação)

Avelino de Faria Guimarães, Presidente da Junta da freguesia da Oliveira, desta cidade:

Faz público que, durante 30 dias a contar da data do presente edital, se encontra em cobrança a contribuição do ano de 1917, na Secretaria da Junta, na Largo da Oliveira.

Guimarães, 16 de Fevereiro de 1917.

O Presidente,

Avelino de Faria Guimarães.

EDITAL

(1.ª Publicação)

A Comissão Executiva da Câmara Municipal de Guimarães:

Faz saber que se acham patentes na casa da Câmara, a exame dos contribuintes, por espaço de 15 dias, a contar do dia 20 dêste mês, os lançamentos das contribuições, predial rústica, urbana, industrial, sumptuária, juros, ordenados e outros rendimentos isentos das contribuições do Estado, que hão-de constituir receita do ano corrente de 1917.

Durante o referido prazo, podem ser apresentadas quaisquer reclamações, devendo os reclamantes instruí-las com os documentos que julgarem convenientes e observar as instruções regulamentares de 22 de Dezembro de 1887 e mais legislação aplicável.

E para conhecimento dos interessados, se publica o presente e vão ser afixados outros de igual teor nos lugares mais públicos do concelho.

Guimarães, 16 de Fevereiro de 1917. E eu *José Maria Gômes Alves*, chefe da Secretaria o escrevi.

O Presidente,

Mariano da Rocha Felgueiras.

EDITAL

(2.ª Publicação)

A Comissão Executiva da Câmara Municipal do concelho de Guimarães:

Faz público que recebe requerimentos pelo prazo de 20 dias, para o provimento do lugar vago de guarda dos impostos indirectos municipais e directo sôbre os carros, mediante o salário diário de quarenta centavos, e direito a metade das multas que por sua intervenção forem aplicadas e arrecadadas, com as obrigações constantes do Regulamento dos impostos municipais aprovado em 12 e 16 de Setembro de 1914.

Os requerentes deverão instruir os seus requerimentos com os seguintes documentos:

1.º Certidão de idade.
2.º Certidão do Registo criminal.
3.º Atestado de bom comportamento passado pela autoridade policial ou administrativa.
4.º Declaração formada, sob palavra de honra, por qualquer facultatico municipal dêste concelho, a comprovar que não sofrem moléstia contagiosa, possuem a robustez necessária para bem desempenhar os deveres do cargo e não tem defeito físico que de tal os iniba.
5.º Quaisquer outros documentos que julguem conveniente para comprovar a sua competência.

E para constar se publica o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares mais públicos desta cidade.

Guimarães, Secretaria Municipal, 6 de Fevereiro de 1917. E eu *José Maria Gomes Alves*, chefe da Secretaria o subscrevi.

O Presidente,

Mariano da Rocha Felgueiras.

Administração do Concelho de Guimarães

EDITAL

José Rodrigues Leite da Silva, Vice-presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal, servindo de Administrador do Concelho de Guimarães:

FAZ SABER que, por autorização superior e em cumprimento do que dispõe a Portaria de 23 de Setembro de 1909, se acha aberto concurso, por espaço de trinta dias, para o provimento dum lugar de guarda da polícia cívica, desta cidade.

Os candidatos, para serem nomeados, deverão reunir as condições exigidas no art.º 13.º do regulamento geral dos corpos de polícia civil de 21 de Dezembro de 1876 e apresentar os seguintes documentos:

Certificado do registo criminal.

Atestado de bom comportamento, passado pela autoridade administrativa.

Guimarães, Secretaria da Administração do Concelho, 2 de Fevereiro de 1917.

E eu Manuel de Freitas Aguiar, Secretário, o subscrevi.

J. R. Leite da Silva.

Estância Termal das Taipas

(Situada a 14 quilómetros de Braga e 8 de Guimarães)

Aguas meso-termais, hipo-salinas, sulfúrias, carbonatadas (sódicas e cálcicas), cleretadas, litinadas, silicatadas, fluoretadas, arsenicais, *radioativas*.

AS UNICAS ÁGUAS DO PAÍS PARA A CURA DAS DOENÇAS DE PELE

Tratamento das afecções dos aparelhos respiratórios, digestivos e génito-urinário; reumatismo; manifestações artriticas e sifiliticas

Tratamento das doenças das Senhoras sob a direcção duma Médica

Instalações completas para electroterapia

CLÍNICOS DA EMPREZA:

Drs. Alfredo Fernandes e Celeste Azevedo Fernandes

ÉPOCA TERMAL—1 de Maio a 30 de Outubro

INTERNATO MUNICIPAL

ANEXO AO LICEU NACIONAL DE GUIMARÃES

COM DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO AUTÓNOMAS

Director pedagógico—Dr. Eduardo d'Almeida.
» disciplinar—Cónego António da Silva Ribeiro—Secretario e professor do Liceu.
» administrativo—José Caetano Pereira.

Instrução primária. Montou se uma *aula modêlo* com professor habilitadissimo. Alunos internos e externos.

Instrução secundária. Cursos dos liceu—no Liceu de Guimarães, *no mesmo edificio*. Curso de 6.ª 7.ª classes—habilitação por distintos professores. Para êste curso admitem-se externos.

Intrução profissional. Curso de comércio—indispensável a todos os que se destinam à vida comercial ou desejam sair do país. Scientificamente organizado, competentemente dirigido, técnico, prático. Internos e externos. Admite-se a matrícula avulsa em qualquer cadeira. Preços convencionais para empregados de comércio.

Instrução artística. Atelier escola—Expressamente construido. Cursos de desenho e pintura—professor o distinto Artista Abel Cardozo, pintor, director e professor da Escola Industrial. Aula de música-canto-dança—por um competente professor.

Educação física e moral. Inspecção médica permanente—Médico: Dr. João de Almeida, professor do Liceu. Quartos especiais para doentes. Aula de higiene—gratuita e obrigatória para todos os internos. Balneario—duches, banhos em tinas de mármore. Educação moral e civil—palestras e conferências pelo director pedagógico. Gimnásio académico—exercícios físicos. Sessões literárias e musicais. Grupo de escoteiros—Sala de armas.

A milhor casa da provincia pelas suas condições higiénicas que desafiam qualquer confronte. Tratamento abundante géneros de 1.ª ordem, e escrupulosamente limpo. Direcção pedagógica moderna. Completa liberdade religiosa, atendendo-se e respeitando se escrupulosamente as indicações das familias.

Pedir informações à SECRETARIA DO INTERNATO MUNICIPAL—Guimarães

FARMACIA NORMAL

Praça de D. Afonso Henriques, 17 a 20

Abriu no dia 31 de Janeiro êste importante estabelecimento com um sortido enorme de todos os artigos farmacêuticos de maior consumo e de absoluta confiança exigidos pela moderna terapêutica.

— Ao Ex.mo corpo clínico
— Aos seus amigos
— Ao público em geral

participam-no

Manoel Jesus de Sousa & C.ª

DEPÓSITO DE POLVORA DO ESTADO

Agencia da Companhia de Seguros

Portugal Previdente

Tintas, vidros, oleos, cimentos e vernizes
Completo sortido em molduras para quadros
Papel para forrar casas
Azulejos e mosaicos
Artigos para caçadores, e muitos outros artigos pertencentes a êste ramo de negócio.

DROGARIA: FERNANDES GUIMARÃES & IRMÃO SUC.or

78, Rua da República—GUIMARÃES

"PROSPERIDADE,,

Companhia de Seguros e Reseguros Terrestres e Marítimos

SEDE NO PORTO: RUA DE TRAZ, N.º 7-2.º

Agente em GUIMARÃES

António José Peixoto da Costa

Rua da República n.º 144

Instituto Informador Comercial

—DE—

FORTUNA & BARBEDO Limtd.ª

Rua das Carmelitas, 100—2.º—PORTO

Telefone 386 **Telegrafo Forbedo**

Correspondentes em tôdos os pôntos do PAÍS, MADEIRA, AÇORES, AFRICA e tôdos os paizes do ESTRANGEIRO.
Serviço especial de administração, cômpra e vênda de predios e colocação de dinheiro sôbre hipotecas.
Comissões, consignações e cônta própria

VAGO

O REPUBLICANO

Propried. do Centro Democrático Vimaranense

(Publica-se aos sábados)

PREÇO DA ASSINATURA

Ano	1$30 cent.
Semestre	$65 "
Brazil, ano (moeda forte)	2$50 "
Número avulso	$03 "

PREÇOS DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e comunicados, por linha	6 cent.
Repetição, por linha	2 cent.

Permanentes, contrato convencional.
Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.

O Republicano

PROPRIEDADE DO CENTRO DEMOCRÁTICO VIMARANENSE

1.º Ano PUBLICA-SE AOS SÁBADOS Num. 44

Ao Cidadão